

Alexandra Lima da Silva

O Diário de

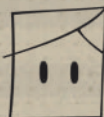
V i o l e t a

em Kamba Kua



Ilustrações
Priscila Paula

Consultor/Pesquisa
João Alípio



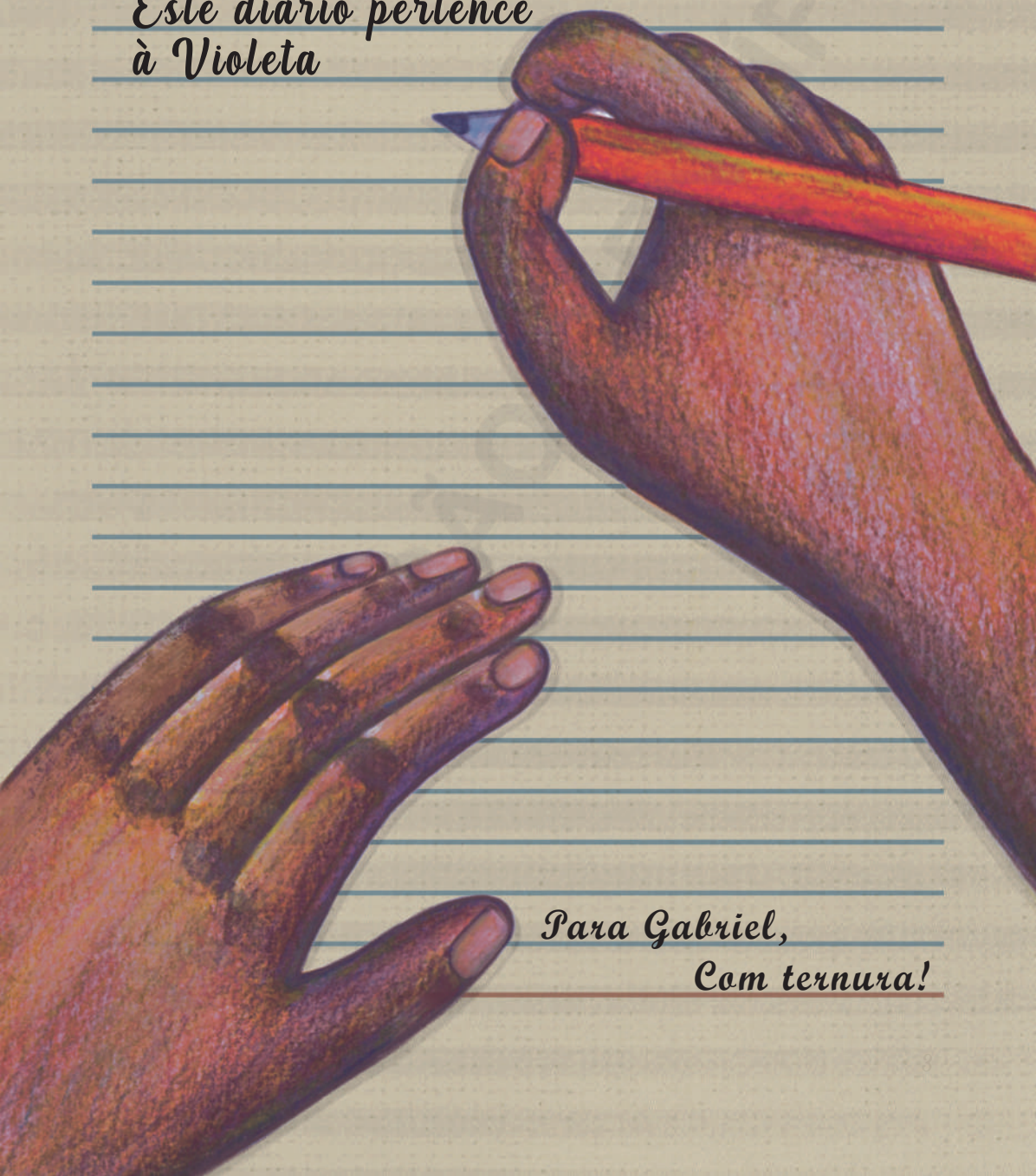
Priscila Paula

E-mail

priscilapaula@hotmail.com.br

Agosto de 2023

*Este diário pertence
à Violeta*



*Para Gabriel,
Com ternura!*

Agradecimentos

Querida leitora, querido leitor,

Este livro não seria possível sem a ajuda de pessoas amigas.

Agradeço imensamente a:

Asunción Val de Font

Bárbara Medina

Bruna Gomes

Carlos Augusto Carvalho Dias

César Steven Chavez Díaz

Cristhiano Kolinski da Silva

Dolly Medina

Dominga Medina e Jorge

Inês Bertuletti

Isabella Rocha

João Alípio Cunha

Julia Elena Chavez Diaz

Lourdes Diaz

Maria Ignacia Chavez Diaz

Presentación Medina (Emboscada)

Priscila Paula
Romy Servian
Toni Roberto Godoy

Agradeço também, às agências de fomento pelos apoios concedidos: CNPq (bolsa pós-doutorado Sênior e projeto Universal); FAPERJ e Prociência UERJ.

Niterói, junho de 2022



Prefácio

Assunção, 02 de agosto de 2022,

Palavras afro para Violeta

Querida Violeta. Como vai? Espero que essa carta lhe encontre encantada com o lindo país afro que é o Paraguai. Desde o ano de 2013, visito as comunidades afro-paraguaias e elas me ensinam a cada encontro profundos saberes que envolvem a cultura e a mitologia guarani e a religiosidade afro-católica. Estas pessoas vieram de forma brutal da África e no território paraguaio estabeleceram modos de resistência presentes até os dias atuais.

As histórias de Kamba Kua lhe darão um outro cenário de movimentos e enfrentamentos da população negra na América latina. Ela é considerada uma segunda diáspora africana que se iniciou com

a saída do general Artigas da região oriental, atual Uruguai. Vieram juntos com Artigas e no processo de fixação no solo paraguaio, as famílias afro-paraguaias passaram por diferentes saques de suas terras pelo estado e grupos externos. Foram perdidos hectares de terras que ainda são sentidas pela população de Kamba Kua que luta desde os anos 80 para se manterem em suas propriedades, através das associações afro e a realização dos festivais Kamba (a palavra Kamba significa negro em guarani) que acontecem em janeiro e se tornaram o principal espaço dos afro-paraguaios para divulgarem sua luta para fora da comunidade.

Violeta, quando você visitar as pessoas sentirá um sentimento de reconhecimento como parte da África que habita em nós. Cada espaço de resistência em Kamba Kua nos leva para um afeto e solidariedade que nos

faz sentir como parte do coletivo. É na capela de San Baltazar onde estão compartilhando a sua religiosidade e dividindo suas promessas ao santo negro. Na escola comunitária onde a maioria dos estudantes crescem e compartilham os saberes educacionais, praticam as aulas de tambores e o mais fundamental, fortalecem seus laços de amizade com familiares e pessoas de dentro e fora de Kamba Kua.

Não se pode deixar de falar do clube social negro que foi fundado em 1948 e teve sua primeira sede na Avenida Mariscal Lopez e com a especulação imobiliária foi forçada a se mudar para o centro do bairro. Este clube criado pelos afrodescendentes e representado nas cores vermelha e amarela que são as cores do santo negro revelou jogadores nascidos na comunidade e que atuaram em times profissionais no Paraguai e na Argentina, além de ter conquistado

campeonatos no município de Fernando de La Mora. Além disso, era o lugar onde aconteciam os bailes afros, eleição de "reinas" (rainhas em espanhol) que iriam representar a agremiação e muitas festas de aniversários. E finalmente o centro comunitário onde acontecem as reuniões e os ensaios do grupo de dança afro. Nestes espaços estão se reafirmando como Kamba e afro-paraguaios.

Esse ano as associações afro-paraguaias conquistaram no estado paraguaio a lei nº 6940 que estabelece mecanismos e procedimentos para prevenir e sancionar atos de racismo e discriminação contra aos afro-paraguaios. Este mecanismo reconhece a presença da população afro como também a sua importância na formação da sociedade paraguaia. Essa lei é um grande avanço para o desenvolvimento de ações que possam contribuir para o crescimento desta minoria

étnica que ainda encontra-se à margem da sociedade paraguaia. Espero Violeta que ao visitar Kamba Kua não seja somente um encontro, mas sim, um reencontro com a África que nos conecta nesse território latino-americano.

João Alípio Cunha



Dedico este livro às pessoas que lutam pelo reconhecimento de suas existências e de suas histórias.

Capítulo 1

O diário de Violeta

Olá, me chamo Violeta, tenho 10 anos. Sou curiosa, gosto muito de conversar e de viajar. Decidi escrever um diário sobre minhas viagens, porque acho que é necessário registrar os momentos importantes. Quem me ensina isso é minha mãe: nós devemos cuidar das nossas memórias. E a escrita é nossa melhor amiga, ela sempre diz.

Ela é historiadora, por isso vive pesquisando em livros antigos, lendo e escrevendo. Ela tem muito interesse em saber mais sobre a história das pessoas negras que vivem no continente americano, principalmente na América Latina. Ela diz que estuda a “diáspora africana”.

Eu acho isso tudo muito importante, sabermos nossas raízes e nossos ancestrais.

(Créditos: GODOY, Toni Roberto. Kamba Kua Y Lívio. La Nación, 30 de janeiro de 2022).



Hoy Toni propone



Toni Roberto

¿Es Kamba Kua un barrio? Tal vez no, hace unos cuantos meses cuando me pedían que hablara de la Chacarita como barrio, yo contesté: la Chacarita no es un barrio, es la Chacarita, lo mismo pienso de Kamba Kua, que es antes que nada parte delicada de nuestra historia desde 1820, cuando el Gral. Artigas llega a Asunción con 150 hombres y mujeres que formaban parte de su guardia fiel, ocupando unas extensas tierras en lo que hoy es Fernando de la Mora, la historia de des-

por los altos costos y la especulación inmobiliaria, de esa manera los hijos de estos perdieron el vínculo con su pasado, una historia que se remonta a hace más de 200 años en el mismo predio:

extraviados, que tenemos frente nuestro, pero a veces es más fácil negarlo y seguir deambulando tratando de encontrar nuestra identidad perdida en algún rincón de Europa.

Lina Abramo: 1961

Certo dia, um amigo que estudou com a mamãe na época da faculdade enviou para ela uma matéria que falava de uma comunidade de afroparaguaios:

“Livio Abramo e Kamba Kua”, quem fez a reportagem foi o jornalista Toni Roberto.

Desde então, ela só fala nesse assunto. Ela ficou muito curiosa para saber mais sobre a existência dos afroparaguaios, pois infelizmente, sabemos muito pouco sobre nossos vizinhos, o que precisa mudar, com certeza.



Ela aproveitou que estou de férias na escola e me levou junto para conhecer as histórias e a gente de Kamba Kua...



Capítulo 2
Em Assunção

(*"Mulher Paraguaia"*, por Violeta)



Eu ainda não tinha estudado sobre o Paraguai na escola, então, aprendi muito com essa viagem. Fomos muito bem recebidas no aeroporto. Além do passaporte, (mas poderia ser o nosso RG mesmo), precisamos apresentar o comprovante internacional de vacina da Febre Amarela. Mas minha mãe sempre teve todas as minhas vacinas em dia, então, estávamos preparadas.

Quando minha mãe sacou o dinheiro no Caixa ATM, no aeroporto mesmo, achei muito curioso o fato de as notas serem em mil. Ela precisou sacar muitas notas de 100 mil guaranis e isso me chamou a atenção.

Gostei especialmente das notas de 2 mil Guaranis, porque há duas figuras femininas muito interessantes, as irmãs Adela y Celsa Speratti, importantes educadoras nascidas no século XIX. A Escuela Normal de Asunción também recebe o nome em homenagem a Adela Speratti.

E também da nota de 20 mil guaranis, com a bela figura da “mulher paraguaia”. Eu até fiz uma pintura inspirada nesta imagem em aquarela.





(As irmãs Adela y Celsa Speratti, por Violeta)

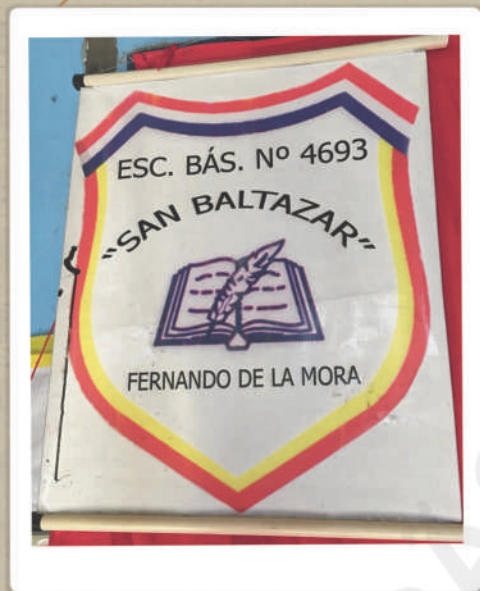
As pessoas foram muito simpáticas, e fomos muito bem tratadas. Nós comunicamos em castelhano, uma das línguas oficiais no Paraguai. Mas eu fiquei com essa vontade muito grande de um dia aprender também o Guaraní, que também é parte do idioma oficial no Paraguai, que é um país bilíngue.

Achei isso o máximo!

Mas também encontramos muita gente que também fala ou estuda o português no Paraguai! Adorei essa parte!



Capítulo 3
Escola Básica n. 3
"República do Brasil"



Tivemos a oportunidade de visitar a Escola Básica n. 3 “República do Brasil” (Escuela Básica N. 3 “República del Brasil”). Muito simpática, a diretora da escola nos contou que ela funciona desde o ano de 1890, quando era uma escola exclusivamente para meninas, e se chamava “Escuela N. 5 de Niñas”. No ano de 1924 a instituição passou a se chamar Escuela Estados Unidos del Brasil. Sem dúvida a história dessa escola é muito importante para a História da Educação!





Também conversamos com a professora Inês, responsável pelo ensino de Português para todas as crianças da escola. Antes ela ensinava no Centro de Estudos Brasileiros, o qual também tivemos a oportunidade de visitar.

No Centro de Estudos Brasileiros, além das aulas de Português, há também muitas atividades para a difusão da cultura brasileira. Gostei bastante da Festa Junina, organizada pela diretora do Centro.

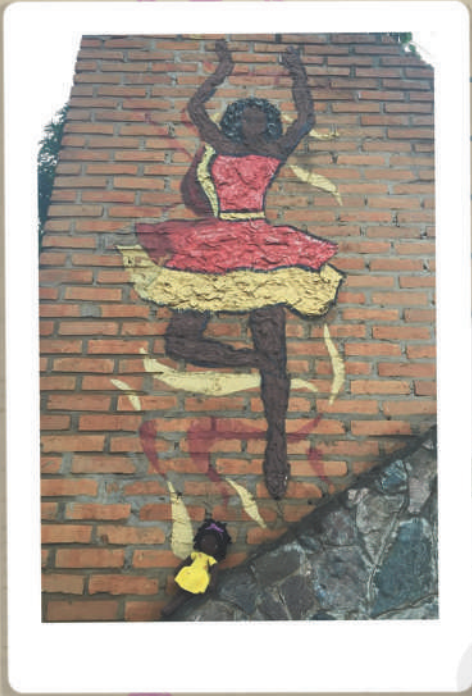
Capítulo 4
A Escola Básica n. 4693
São Baltazar

De Assunção, nos dirigimos a Kamba Kua.

Foi rápido, levamos 20 minutos de carro. Visitamos a “Escuela básica n.º 4693 San Baltazar” e fomos muito bem recebidas pela diretora Liliana Aguilera e toda a comunidade escolar.

Aprendi um pouco sobre a importância daquela escola para a comunidade. Até o ano de 1998 não havia escola em Kamba Kua e as crianças precisavam se deslocar para outras localidades para estudar.

A existência de uma escola na própria comunidade é uma conquista importante.



- Mas por que a escola se chama São Baltazar? Não resisti, e perguntei a diretora.

Ela me disse que o patrono da escola é San Baltazar, o santo negro, que foi um dos três reis magos.

- E de onde vem o nome Kamba Kua? Perguntei, curiosa!

A palavra "Kamba Kua" significa "lugar dos negros". Kamba (camba ou cambá) se refere às pessoas escravizadas, trazidas desde Angola, e que também pode significar, "pessoa negra".





A presença da população afrodescendente no Paraguai é dos tempos da colônia. Já em Kamba Kua, esta presença ocorreu em 1820, há mais de 200 anos...

Cansada de ouvir as histórias das adultas, logo me distraí porque comecei a brincar com as crianças e até aprendi um pouco de guarani com elas:

Aguyje (obrigada)
e tapeguahêporãite (bem-vinda)
são as minhas favoritas.



Capítulo 5 Tia Julia

(Acervo de Julia Chavez Medina,

Tia Julia aos 17 anos)

Lourdes Diaz, importante liderança da comunidade nos encontrou na escola. Gostamos muito dela. É uma mulher bonita, jovem e bastante instruída. Ela nos levou para conhecer um pouco mais a cidade no carro dela. Gostei das pinturas nos muros e nas paredes.

Gentilmente, ela nos levou para conversar um pouco com a mãe dela, chamada por todos de “tia Julia”.

Julia Elena Chavez Medina, a tia Julia, é a mãe de Lourdes.

Ela é uma bela senhora de 82 anos. Enquanto as adultas conversavam, fiquei prestando atenção nos objetos da casa e na história. Tia Julia estava sentada em uma cadeira, ao lado do Santo Negro, muito bem cuidado e preservado na casa dela. Logo perguntei:

- Então a tia Julia é a guardiã do santo? É muito importante essa missão, que máximo!

A casa é antiga, ela e os irmãos nasceram ali.

A mãe de tia Julia teve 4 filhos: Antônio, Adriano, Julia e Maria Ignacia. A mãe da tia Julia não pode estudar, pois teve que trabalhar como empregada doméstica desde muito jovem. Tia Julia também precisou trabalhar quando ainda era muito menina. Desde

os 12 anos ela trabalhava como babá.

Ela adiou ao máximo o casamento. Era considerada “muito velha” quando se casou, aos 33 anos.

Há muitas fotografias na sala da tia Julia, e uma em especial me chamou atenção: um retrato de quando ela tinha 17 anos.

Belíssima!



Capítulo 6 Tia Mary



(Fonte: GODOY, 2022)

Conversamos também com Maria Ignacia Chavez Medina, a tia Mary, irmã mais nova da tia Julia.

Ela nos contou que antes Kamba Kua era um lugar mais tranquilo. Muito pobre e muito pacato, tranquilo de viver. A escola era muito longe e ela tinha que andar muito a pé, sem dinheiro para comprar sapato, até a escola.

A mãe da tia Mary era muito rígida na criação das filhas, ela também recorda a tia Bernardina, uma mulher negra de pele escura, brilhante, com os olhos claros e os cabelos crespos.

Nas palavras da própria tia Mary, ela não teve uma infância doce. O pai foi embora quando ela ainda estava na barriga da mãe.

Kamba Kua era um lugar com bem menos gente, com poucas vivendas. Era autossuficiente: viviam do que plantavam. Criavam animais: galinhas, vacas.

Com a tia Mary aprendi sobre as brincadeiras dos tempos da infância dela. Ela nasceu no dia 1º de fevereiro de 1944.

Gostei bastante de aprender sobre as brincadeiras antigas!

A tia Mary contou que ela gostava de brincar de tiquituela; sale el Sol, Jogo de Goma (elástico), descanso (amarelinha), anilo (passar o anel), pelota de trapo. Não havia dinheiro para bonecas. Então ela criava as dela com abobrinha. Mas hoje muitas destas brincadeiras caíram no esquecimento. As crianças preferem os jogos eletrônicos e as redes sociais.

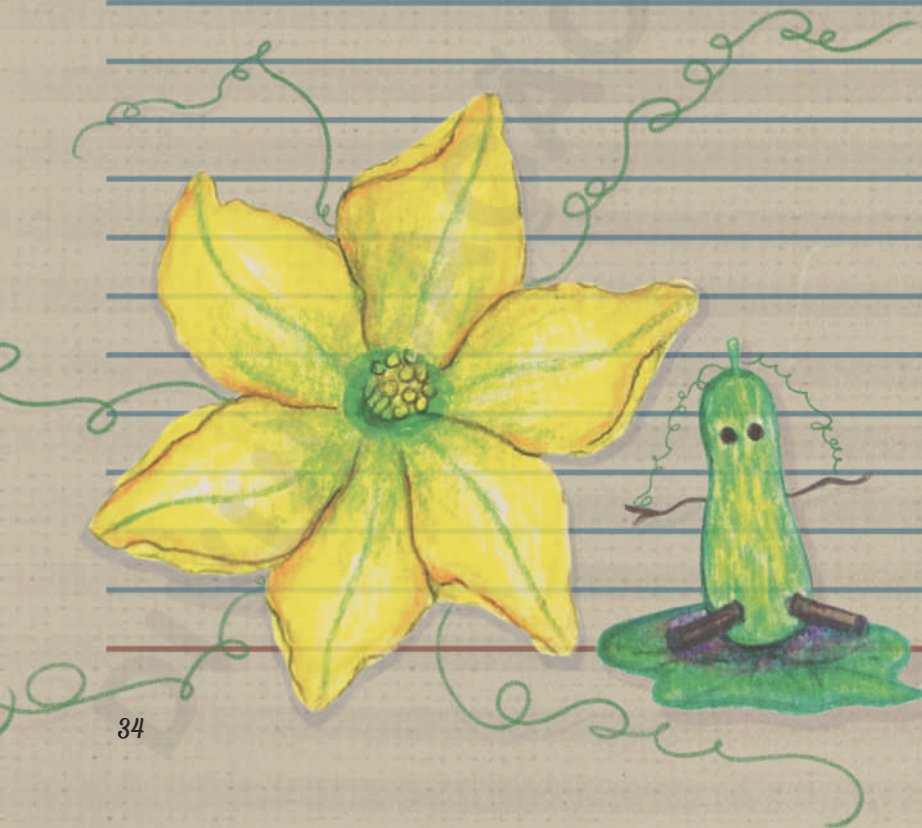
Tia Mary se casou com 20 anos. Teve dois filhos. A primeira filha não sobreviveu ao parto, muito triste.

Tia Mary disse que a festa de antes era mais bonita. Era tudo mais divertido. Mas mudou muito com o aumento da população.

Havia pessoas que se disfarçavam de "promisseros".

Ela fazia as roupas de dança.

Já adulta e casada, integrou o grupo das primeiras dançarinas de Kamba Kua: Tia Julia, Tia Mary, Catalina, Lali. Também havia homens no grupo: Antônio e Adriano. Foi por causa da dança que ela fez muitas viagens e se apresentou em diferentes cidades e países, como o Brasil, por exemplo.



Capítulo 7

Os tambores de Kamba Kua



(O casal Dominga e Jorge e o primeiro tambor feito por eles)

Dominga é sobrinha das tias Julia e Mary. Ela e o marido Jorge, vivem juntos há 20 anos. Antes de se dedicar a arte de fazer tambores, Dominga fazia “comida típica”: empanada, beiju, cocido (chá).

Também fazia decoração para eventos de todo o país. Além de fazer doces, é

também artesã. Assim como Jorge, viveu um tempo na Argentina.

Como os tambores estavam em falta na capela para a festa de 6 de janeiro, tocavam com baldes. O que era um problema. Daí surgiu a necessidade de criar os próprios tambores para uso na comunidade. O casal trabalha em parceria, cada um faz uma parte do tambor, que leva cerca de 1 mês para ficar pronto.

As cores são as que aparecem nos livros. Depois que aprendeu a fazer tambores, Lourdes conquistou respeito e reconhecimento na comunidade. Ela é a única mulher no país a se dedicar a este ofício. Os tambores são importantes para que a tradição não morra. O casal gostaria que a arte do tambor fosse ensinada na escola da comunidade, e

que os jovens aprendessem este ofício, para que ele não se perca com o casal. Esta atividade pode gerar trabalho e renda no local. O casal faz ao todo 10 tambores no ano.

É importante aprender sobre os tambores para que se conheça e valorize a história, pois a música esteve presente na vida dos Afro desde muito tempo. Mas só depois foram criados os tambores.

A defesa das manifestações culturais é importante na luta pelo reconhecimento da população Afro no Paraguai, o que ocorreu com a lei de 2004.

Infelizmente, para o seu Jorge, hoje a história, a cultura e a dança não interessam tanto aos jovens, como o time de futebol 6 de enero, criado em Kamba Kua em 1947.

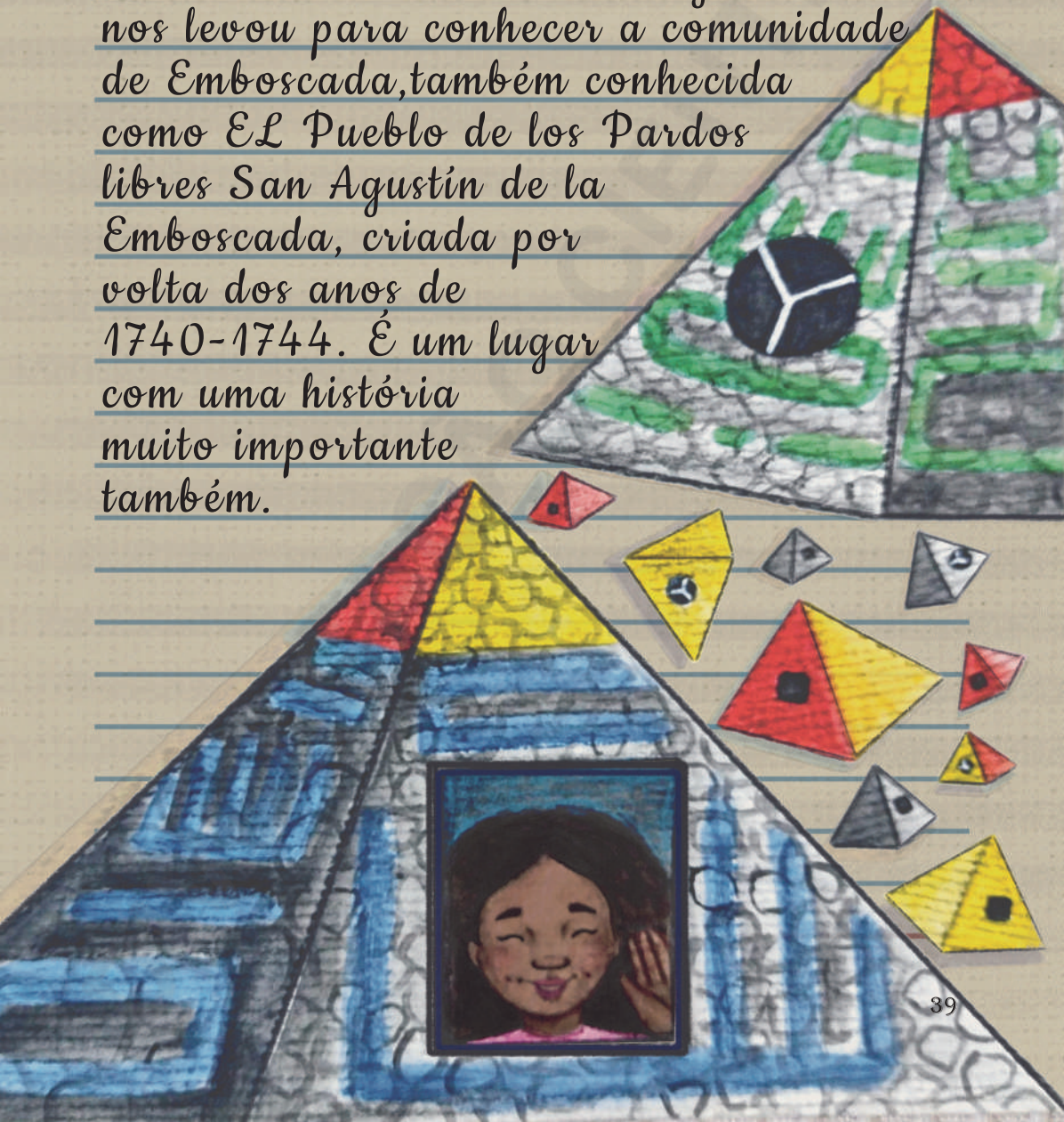
Achei muito interessante como para o casal, os tambores são um instrumento de luta na visibilidade da existência da população afroparaguaia. Foi a partir da dança que a população desenvolveu a consciência sobre a afrodescendência.



Capítulo 8

De Kamba Kua para Emboscada

De Kamba Kua, Lourdes gentilmente nos levou para conhecer a comunidade de Emboscada, também conhecida como EL Pueblo de los Pardos libres San Agustín de la Emboscada, criada por volta dos anos de 1740-1744. É um lugar com uma história muito importante também.



Achei a vista muito bonita. Fomos até as pirâmides. Tiramos muitas fotos de lá. As pirâmides de Emboscada foram criadas em 1988, inspiradas nas pirâmides do Egito. Há muitas casas de pedra também na cidade. As pedras são uma importante fonte de renda e trabalho para os homens do lugar.

Por isso, Emboscada também é conhecida como sendo a Cidade da Pedra. Imagino que o trabalho nas pedreiras deve ser muito duro e pesado.

As mãos dessas pessoas certamente são muito sofridas e calejadas. O artesanato é uma atividade importante na cidade: “os homens trabalham nas pedreiras, e as mulheres fazem chapéus”.

Capítulo 9
Dona Presentación:
a dama dos "sombremos"



Lourdes nos levou para conhecer a doce senhora Presentacion.

Ela faz chapéu com Karandá.

Ela nos contou que aprendeu a fazer chapéus quando ainda era uma menina de 8 anos. Aprendeu com a mãe dela. E foi assim com todas as mulheres da família. Foi passando de geração para

geração. Como dona Presentacion não teve filhas, fiquei pensando se esse saber familiar terminaria com ela...

Estudou poucos anos na Escuela Nacional Abraham Lincoln.

Ela nos contou que sofria muita discriminação nos tempos de escola, porque tinha a pele mais escura. O trabalho, a pobreza e o preconceito a excluíram da escola. As crianças a chamavam por nomes. Mas ela não desistiu. Já adulta, voltou para a escola. Aprendeu a ler e a escrever em Guarani aos 65 anos. Teve um filho, que não sobreviveu a infância. Tem 65 afilhados na cidade. Para que a arte dos "sombremos" não morra, deu oficinas nas missões, e viveu um tempo no Uruguai. Mas apenas os chapéus não garantem seu sustento. Já idosa, ela precisa trabalhar em outras atividades para sobreviver.

Aos 71 anos, a aposentadoria e o merecido descanso ainda não tinham chegado para “a dama dos sombreros”

Apesar de todas as dificuldades da vida, D. Presentacion tem um belo sorriso e é uma pessoa doce e generosa.



Capítulo 10

De volta a Kamba Kua

Retornamos a Kamba Kua a tempo para não perder o Festival San Baltazar de Kamba Kua. Antes mesmo de chegar à comunidade, era possível ouvir os tambores à distância. O clarão também nos impressionou. Dizem que os tambores de Kamba Kua são o coração da festa de San Baltazar.

É uma festa muito bonita. Dura dias.

A capela também estava lindamente decorada, com muitas flores em homenagem ao santo negro.

Gente de todas as partes vêm para assistir aos festejos, celebrados anualmente no dia 6 de janeiro (dia da visita dos Reis Magos, segundo o calendário católico).

Há apresentações do Grupo Tradicional San Baltazar. As roupas são especialmente bonitas, nas cores amarela e vermelha. Queria aprender a dançar também. Quem sabe um dia eu não retorno para aprender um pouco mais de dança paraguaia? Seria incrível!





Capítulo 11

O que eu aprendi em Kamba Kua

O tempo trouxe mudanças consideradas boas e ruins pela comunidade. O aumento da população modificou a festa. Mas a existência de uma escola na comunidade possibilitou que as pessoas mais jovens pudessem se formar e ter diploma de nível superior.

Eu aprendi que foi graças a muita luta que os afroparaguaios conquistaram o dia 23 de setembro como o Dia Nacional da Cultura Afroparaguaiá. O Grupo Tradicional San Baltazar também foi protagonista nesta história.

As mulheres da família de tias Julia e Mary e as pessoas de Kamba Kua me ensinaram que não devemos ter vergonha do lugar de onde viemos.

É que a pele negra, em seus diferentes tons e nuances, é bonita.

As pessoas de Kamba Kua acreditam que é importante saber a história para não perder a tradição.



Elas nos ensinam a ter orgulho de
nossas raízes.

Nos ensinam a ter consciência racial.



Capítulo 12
De Violeta para as pessoas de
Kamba Kua

Niterói, janeiro de 2023



Queridas pessoas de Kamba Kua,

Envio O diário de Violeta em Kamba Kua como um gesto de retribuição pelo carinho com que fomos tratadas por vocês na nossa visita. Sou grata por todo o conhecimento que aprendi nesta viagem.

Comprometo-me a compartilhar e honrar a história que aprendi com vocês, com as crianças aqui do Brasil. Porque é muito importante construir pontes e diálogos.

Vocês também me ensinaram a ter orgulho do lugar de onde eu venho.

Serei eternamente grata.

Por fim, como demonstração de carinho, envio também a pintura que fiz inspirada na tia Julia.

Com carinho,

Violeta



(Tia Julia, por Violeta)

Violeta



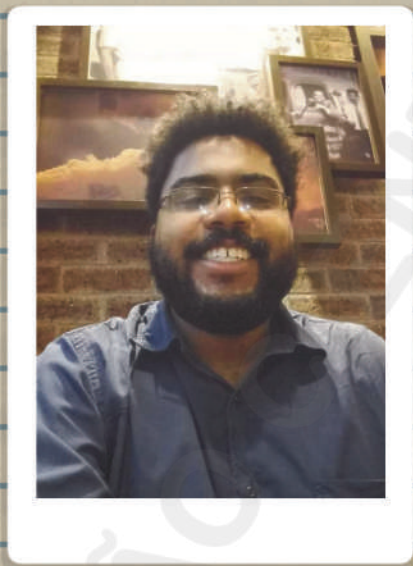
Sou uma menina de 10 anos, muito curiosa e aventureira. Gosto muito de escrever, e de compartilhar as histórias que aprendo nos livros, nas viagens e nas conversas com as pessoas da minha família.

Autora
Alexandra Lima da Silva



Sou Alexandra, nasci em 16 de outubro de 1980. Sou historiadora e tenho me dedicado à docência na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e às pesquisas sobre história da educação da população negra no Brasil. Sou autora de livros infantojuvenis, e Violeta é a protagonista das minhas histórias. Meu Instagram é: @alelimas10. Meus livros podem ser acessados em: <https://sementesdebano.com.br/>

Consultor / Pesquisa
João Alípio Cunha



É pesquisador de temáticas relacionadas às culturas afro-latino-americanas, como: as comunidades jongueiras da região sudeste do Brasil e os grupos afroparaquaios praticantes do candomblé. No momento da escrita deste livro, doutorando em Antropologia Social no Museu Nacional / UFRJ.

Ilustradora Priscila Paula



É artista visual formada em Cinema de Animação e Artes Digitais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente trabalha com Animação, Ilustração, Produção e Editoração de livros. É autora do livro infantil “O Dragãozinho”.

Nas redes sociais é: @priihpaula.

Referências

COSTA, Kelly Aparecida. A construção do "dia da cultura afroparaguaia": memória(s) e identidade(s) no Paraguai Costa. Foz do Iguaçu, Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos, 2021.

DURAN, M. (2011). Dos mil Guaraníes: Adela y Celsa Speratti. En: Boletín Científico Sapiens Research, Vol. 1 (1), p. 6

GODOY, Toni Roberto. Kamba Kua Y Lívio. La Nación, 30 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.lanacion.com.py/gran-diario-domingo/2022/01/30/kamba-kua-y-livio/>

KOLINSKI, Cristhiano. O “Grupo Tradicional Kamba Cuá” no Movimento Afroparaguaio: artes performáticas, política identitária e territorialidade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

TELESCA, Ignacio. *Historiografía Paraguaya y los afrodescendientes*. Editora. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Córdoba. 2010.

TELESCA, Ignacio. *Mujer, honor y afrodescendientes del Paraguay*. 2010.

UNESCO. *Huellas e identidades. Sitios de Memoria Y culturas vivas de los afrodescendientes*. Argentina, Paraguay, Uruguay, 2012.

Na mídia

<https://www.ultimahora.com/los-artesanos-moldean-la-piedra-emboscada-n456667.html>

<https://www.municipios.gov.py/emboscada/>

<https://www.abc.com.py/edicion-impres/artes-espectaculos/biografia-de-las--hermanas-celsa-y-adela-speratti-282350.html>

<https://www.abc.com.py/edicion-impres/artes-espectaculos/las-speratti-fueron-grandes-protagonistas-en-la-educacion-245999.html>

Paraguay Produce - Artesania Sombrero Pora, 18/03/2013.

Disponível

em:

<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=h-rRrEjgnow>

<https://www.abc.com.py/edicion-impres/interior/proponen-ensenanza-del-tramado-de-hojas-de-karanday-en-las-escuelas-496692.html>

<https://www.abc.com.py/edicion-impres/interior/artesanas-de-emboscada-recibiran-una-planchadora-de-sombreros-piri-532260.html>

<https://vistprojects.com/ser-afro-en-paraguay/>

<https://www.pausa.com.py/actualidad/nota-de-tapa/reivindicar-la-identidad/831/>

<https://cdn-www.lanacionpy.arcpublishing.com/espectaculo/2019/01/02/san-baltazar-la-tradicion-de-kamba-cua/>

<https://independiente.com.py/cuando-ocultan-nuestra-historia/>

<https://www.yonodiscrimino.com/barbara-medina-bailarina-afroparaguaya-del-ballet-kamba-kua-me-hacian-sentir-tan-mal-en-la-escuela-que-queria-ser-blanca-como-ellos/>

O Diário de
ViOLISTA
em Kamba Kaa

Autora:

Alexandra Lima da Silva

Consultor/Pesquisa:

João Alípio Cunha

Prefácio:

João Alípio Cunha

Ilustrações:

Priscila Paula

Produção e editoração:

Priscila Paula



Este livro integra o projeto “Sementes de ébano”, coordenado por Alexandra Lima da Silva, e foi produzido com os seguintes apoios e recursos:

Bolsa Proatec UERJ (Nível N4)

Bolsa Técnica CNPq, Edital Universal (Processo 401879/2021-6)

Bolsa Pós-Doutorado Sênior do CNPq (Processo 162777/2020-5)





Copyright © 2023 dos autores

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a
Lei nº 9.610/98.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Silva, Alexandra Lima da

O diário de Violeta em Kamba Kua / Alexandra
Lima da Silva ; ilustrações Priscila Paula . - -
Belo Horizonte, MG : Ed. da Autora, 2023 . - -
(Sementes de ébano)

Bibliografia.

ISBN 978 - 65 - 00 - 75303 - 5

1 . Diários - Literatura infantojuvenil
2 . Identidade negra 3 . Negros - América Latina -
História 4 . Paraguai - História I . Paula, Priscila.
II . Título . III . Série .

23 - 165177

CDD - 028 . 5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB - 8 / 9253

Violeta é uma menina muito curiosa e que adora viajar. Violeta compartilha em seu diário um pouco das impressões da viagem ao Paraguai, onde ela conheceu as ricas histórias da população afrodescendente de Kamba Kua e Emboscada.



Embarque você também nesta incrível viagem de reconhecimento!

